



Círculos de Construção de Paz: Intervenção em uma Escola Pública

Joseane Frassoni dos Santos: Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre
Luciana Fernandes Marques: Faculdade de Educação - UFRGS

O encontro com a proposta

Este projeto surgiu a partir da inserção de uma das autoras no contexto de uma escola pública municipal de Porto Alegre, a qual observou a necessidade de desenvolver uma proposta que abordasse o autoconhecimento e auto-cuidado com os educandos. Para este fim,

foi organizado um Projeto de Extensão entre a Escola e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), considerando que as professoras envolvidas nesta ação já possuíam um vínculo anterior de pesquisa em nível de Iniciação Científica. Deste modo, foi possível desenvolver o projeto de Extensão, o qual propiciou a inter-relação entre a Universidade e a comunidade escolar.

No local em que a comunidade está localizada e, no contexto dos pré-adolescentes e adolescentes de uma escola municipal, há convivência diária com violência e situações de risco em variados níveis, fatores que afetam a saúde mental destes jovens e prejudicam seu desenvolvimento global. Muitos desses fatores são estruturais e de difícil alteração, pois advêm das condições materiais e políticas que afetam um grande contingente populacional. Em meio a isso, constata-se a pouca perspectiva de metas para a vida adulta, em que ser feliz e satisfeito é apresentado ao jovem como decorrência de aspectos materiais, muitos dos quais aparentemente inalcançáveis. Enquanto que o trabalho com valores, emoções e o sensível muitas vezes fica diluído nas variadas disciplinas e atividades da escola, sem a ênfase necessária para um bom equilíbrio mental e emocional que possibilite lidar com um contexto tão desafiador.

O propósito desta intervenção foi o de constituir um espaço de vivência e formação humana durante o período de contraturno na escola, em que os tópicos acima mencionados estivessem presentes. A ideia foi iniciar a criação nessa escola de um espaço de autoconhecimento e autocuidado para os pré-adolescentes e adolescentes. Um espaço em que eles sejam estimulados a explorar as formas como têm lidado com as adversidades e desafios da vida e também desenvolver novas habilidades emocionais. Através do contato com metodologias como círculos de construção de paz, rodas de conversa, danças circulares e práticas de arteterapia, visamos promover o uso de ferramentas saudáveis para enfrentar problemas comuns nessa faixa etária, tais como: insegurança, baixa autoestima, desamparo, timidez, depressão e ansiedade. Naturalmente, eles não foram forçados a manifestar conflitos, mas a participação em um ambiente seguro, com vínculos positivos, deixou em aberto a possibilidade desse diálogo, caso houvesse a necessidade. A colaboração entre a Universidade e uma Escola Pública Municipal, através de uma professora de cada instituição, visou ampliar o

debate, o que gerou produção de conhecimento pelas metodologias adotadas, avaliação e disseminação dos resultados em contextos acadêmicos e não-acadêmicos.

O público-alvo desta intervenção foi de adolescentes e pré-adolescentes, alunas e alunos entre 10 e 15 anos de idade, correspondentes aos Anos Ciclo: B10, B20, B30, de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental da cidade Porto Alegre, RS, no Bairro Rubem Berta. Nessa faixa etária, percebe-se que é possível a prevenção de comportamentos de risco, como também a promoção da saúde mental, instrumentalizando-os para relacionamentos pacíficos e a criação de vínculos saudáveis e protetores. O desenvolvimento da atividade ocorreu em seis encontros de frequência semanal, no contraturno das turmas envolvidas (B10, B20, B30), com a duração aproximada de duas horas. As atividades foram desenvolvidas tendo como eixo norteador as Práticas Circulares (BOYES-WATSON; PRANIS, 2011), onde foram tratados temas de interesse dos jovens, relacionados às suas necessidades emocionais, contando com oficinairos e facilitadores convidados, além da coordenadora local do projeto que esteve presente em todos os encontros.

Círculos de Construção de Paz (CCP): o campo metodológico

A grande inspiração para os Círculos de Construção de Paz é a autora Kay Pranis (PRANIS, 2010), que delineou essa metodologia a partir de variadas influências, inclusive a dos índios norte-americanos. O método cria um ambiente em que todos possam se ver, ter o seu tempo de fala e também desenvolver a escuta do outro, criando vínculos num ambiente de confiança e de valores compartilhados. Escolhemos essa metodologia também por ela proporcionar um espaço em que o centro é algo montado por todos, com objetos significativos, ao contrário dos ambientes educativos mais comuns no

nosso contexto, em que o centro está no quadro ou no projetor e na figura do professor. Faller (2018) conta que os CCPs começaram como círculos restaurativos atuando na justiça criminal do estado de Minnesota, nos Estados Unidos, visando mediar situações de conflito, e ali se viu que a metodologia era promissora e poderia ser eficaz em outras situações não necessariamente ligadas ao crime. Dessa forma, os CCPs passaram a ser testados em ambientes diferentes e com objetivos variados como empresas, na assistência social, igrejas, associações comunitárias, terapia familiar, etc.

O funcionamento dos CCPs tem alguns pontos a serem seguidos, mas muitas vezes, também podem ser adaptados conforme o contexto e o tema em questão. Em geral há um aquecimento e integração do grupo na chegada, chamado Check-in, e a seguir a disposição dos membros em círculo. Geralmente, sem o uso de cadeiras e mesas, lembrando a ancestralidade indígena e tribal do contato com a terra. No centro do círculo, por vezes chamado de espaço sagrado, podem ter objetos significativos que os membros tenham trazido, ou que retirem na hora da sua mochila, ou ainda o facilitador pode trazer estímulos ao grupo que ficarão no centro, como cartas simbólicas, imagens ou livros. Pode-se igualmente representar os elementos da natureza no círculo para lembrar a todos as origens do ser humano, terra (uma planta num vaso, pedras ou flores), água (uma garrafa ou copo d'água), fogo (uma vela) e ar (incenso ou aromatizador de ambiente). Há ainda o objeto da palavra ou bastão da fala que é escolhido pelo grupo com a função de organizar as interações, de modo que somente aquele que detém o objeto está na posse da palavra, enquanto aos outros cabe a escuta empática e silenciosa. O objeto da palavra passa por cada integrante do grupo, iniciando com o facilitador e seguindo no sentido anti-horário. A cada sujeito é ofertada a palavra, mas, como a fala é espontânea, não há a obrigatoriedade da mesma. Conforme

Kalil (2018), os CCPs podem ter diferentes propósitos e ser organizados de forma distinta. A autora faz uma síntese dos principais elementos dos CCPs: Objeto da Palavra, Peça de Centro, Cerimônia de Abertura e Fechamento, Check-in, Check-out, Construção de Valores, Construção de Diretrizes, Perguntas Norteadoras e Contação de Histórias, podendo ter até dois facilitadores (que podem ser chamados de guardiões). A autora também chama a atenção para variações nos nomes e na metodologia referentes a trabalhos com círculos em grupos: Círculo de Diálogo e Aprendizagem, Círculo de Construção de Senso Comunitário, Círculo de Fortalecimento de Vínculos Familiares, Círculo de Fortalecimento de Equipes de Trabalho e Círculos de Celebração.

No Rio Grande do Sul, vimos um grande número de aplicação dos círculos de construção de paz nas escolas devido ao Programa Escola + Paz¹ - lançado pelo Governo do Estado do RS, através do Programa de Oportunidades e Direitos (POD) - da Secretaria de Desenvolvimento Social, Trabalho, Justiça e Direitos Humanos (SDSTJDH), e das Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar (Cipaves), da Secretaria Estadual da Educação. O programa foi elaborado em parceria com a Associação dos Juizes do Rio Grande do Sul (Ajuris) e conta com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), visando formar 1,2 mil educadores em práticas de Justiça Restaurativa e Círculos de Construção de Paz. Os educadores são advindos de seis territórios da Região Metropolitana de Porto Alegre: bairros 1. Restinga, 2. Cruzeiro, 3. Lomba do Pinheiro e 4. Rubem Berta, em Porto Alegre, e também nos municípios de 5. Alvorada e 6. Viamão.

1. Disponível em: <<http://www.educacao.rs.gov.br/governo-do-estado-lanca-programa-escola-paz>>. Acesso em 15 de dezembro de 2018.

A seguir, contamos resumidamente as atividades de cada encontro e mais detalhes dessa rica experiência.

A intervenção com um grupo de jovens



Figura 1- Centro do Círculo com elementos da natureza. Fonte: Elaboração própria (2018)

Como foi exposto anteriormente, o público-alvo do projeto compreende os alunos das turmas de B10, B20 e B30 de uma escola municipal de Porto Alegre, localizada no bairro Rubem Berta. A proposta inicial do projeto era de que os encontros ocorressem duas vezes ao mês na frequência quinzenal. Porém, em virtude da rotina da escola, houve a necessidade de alterações na proposta, considerando que alguns encontros ocorreram em duas semanas consecutivas. Duas turmas de B10 e B20 participaram do projeto

no turno da tarde, e as duas turmas de B30 participam no turno da manhã. Importante destacar que a participação foi voluntária e conseqüentemente não abrangeu todos os alunos das turmas.

No primeiro encontro com o *Círculo de Valores* foram expostos os objetivos do projeto e foi apresentado o objeto da palavra, que tem a intencionalidade de proporcionar a fala a cada participante e, deste modo, regular o momento de fala e de escuta. Além do objeto

da palavra, o grupo, juntamente com a facilitadora, estabeleceu a construção de diretrizes para que os encontros ocorressem de forma respeitosa e a ética seja mantida. Dentre as regras estabelecidas estão: o respeito ao objeto da palavra, o sigilo das falas de todos os participantes, a escuta atenta de todos os colegas, o não julgamento, e falar de si e não do outro.

Na rodada de check-in, os alunos falaram seu nome, idade e apresentaram ao grupo algum sonho que tenham vontade de realizar. Primeiramente, foi necessário explicar o que é um sonho, mesmo para os alunos de faixa etária maior. Na fala dos participantes, ficou clara a quase inexistência de sonhos destes adolescentes: o balançar da cabeça negando a existência de um sonho foi exercida por muitos dos participantes, em especial, dos alunos de B30. Este foi um ponto que chamou a atenção, alertando para a falta de projetos ou mesmo esperança (a ser confirmado em outras observações).

Na atividade principal, os alunos puderam expressar suas percepções sobre os valores que abarcam o modo de existir de cada um. No grupo composto pelos alunos de B10 e B20, os participantes identificaram os seguintes valores que se destacaram na fala de cada um, eleitos por eles como valores que identificam o grande grupo: conversar, dividir e ser justo. No grupo que contempla os alunos de B30, os valores elencados foram: dividir, compartilhar, ajudar, ser justo, doar, se preocupar com o outro, guardar para si.

Percebe-se que, apesar da diferença na faixa etária dos alunos de B10 e B20 em relação aos alunos de B30, ambos os grupos apresentaram respostas semelhantes.

O segundo encontro foi desenvolvido com a proposta do Círculo “Quem sou eu de verdade? Como sou?”. Os alunos participaram do momento inicial de meditação e atenção

plena, e depois assistiram ao vídeo “Festa nas Nuvens”. Na sequência, no círculo, comentaram o que pensaram sobre o vídeo apresentado. Os estudantes trouxeram importantes reflexões sobre as diferenças, a ausência de um cuidado com o outro, a dificuldade de lidar com as diferenças e a relação entre o escuro e o claro.

No check-in, como houve novas adesões aos grupos, cada um se apresentou novamente. Na atividade principal, os alunos trouxeram aspectos que compõem a sua personalidade, e percebeu-se a dificuldade deles em identificar aspectos positivos de sua personalidade. A ansiedade, o nervosismo e o medo, são os sentimentos que foram apontados com maior frequência pelos participantes, sendo que alguns dos alunos conseguiram identificar o que gera cada um desses aspectos. Mas para a maior parte do grupo não há um entendimento de como lidar com essas características. Importante salientar que aspectos relacionados às questões de gênero foram apontados, bem como o ser alegre, ser legal, ser amigo, ser uma pessoa confiável, ser sincero, ser amoroso, ser inteligente e ser feliz, também foram aspectos trazidos pelos alunos, porém de forma menos predominante.

O terceiro encontro foi proposto através do Círculo “O Verdadeiro Eu”, no qual os estudantes foram instigados a refletirem sobre quem eles são de verdade, ou seja, abrir um espaço para analisar quais atitudes eles utilizam a fim de se inserir em determinado grupo ou para agradecer alguém, em contraponto ao que eles realmente são, e acabam escondendo/mascarando para se inserirem nos contextos em que vivem e serem aceitos. Esta proposta foi bem difícil para os participantes, em especial para os da faixa etária menor (B10 e B20), pois requer uma análise profunda do eu interior.

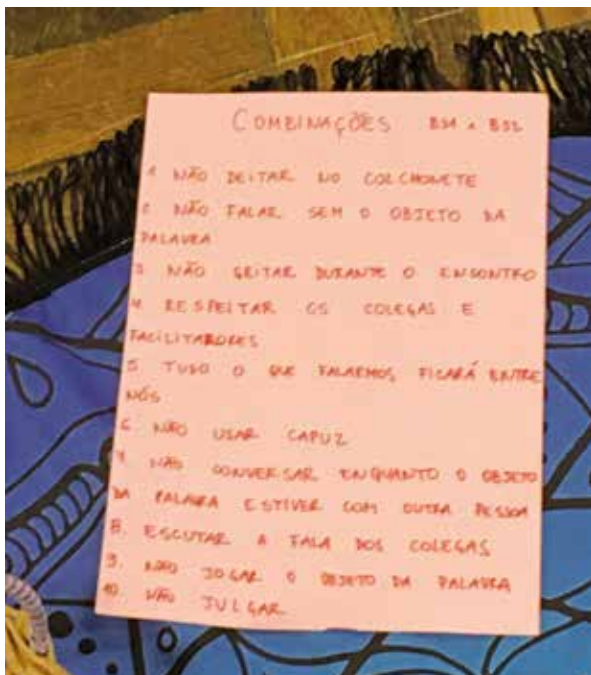


Figura 2 - Diretrizes de um dos grupos.
Fonte: Elaboração própria (2018)

No decorrer da proposta, uma estudante da B20 relatou que não consegue ser quem ela é porque a mãe exige que ela tenha uma postura diferente da qual gostaria de exprimir, especificamente relacionada ao fato da aluna se perceber como uma pessoa irritada.

O quarto encontro foi organizado por uma facilitadora que é professora do 3º Ciclo da escola participante e tem formação em arteterapia e danças circulares. Como a professora ministra aulas no turno da tarde, a mesma não pôde facilitar os encontros com as turmas de B10 e B20, o que ficou sob a responsabilidade da coordenadora local do projeto.

O objetivo da proposta foi de observar o outro com o intuito de perceber as diferenças e semelhanças, constituindo uma identidade individual e grupal. Para tal, a facilitadora propôs duas danças circulares e uma atividade com uso da água, folha A3, giz pastel e aquarela. O elemento água foi utilizado para que os estudantes conseguissem se expressar livremente, sem o excessivo uso de (auto) controle.

A pintura concreta ou abstrata utilizando a água, a folha A3, o giz pastel e a aquarela foram instrumentos para que os participantes, através de uma vivência, transpusessem para o papel os sentimentos que essa experiência trazia para eles. Findado este momento, os estudantes foram convidados a escrever em um papel, uma palavra que representasse a pintura deles e após, cada um passou observando a pintura de todos os colegas e registrou, também em uma palavra, o sentimento que a obra do colega trazia para eles.

Pôde-se perceber que a palavra escolhida pelo autor da pintura em relação às palavras apresentadas pelos colegas, era distinta, sugerindo uma singularidade na expressão e compreensão particular dos sentimentos. Outro ponto de destaque foi o não reconhecimento do sentimento positivo que um colega, ou mais colegas expressaram sobre a obra de um dos participantes. Percebe-se que interiormente o estudante se mostra em conflito, mas exterioriza seus sentimentos de forma positiva. Então nos questionamos sobre esta dualidade das emoções. Estaria o estudante em conflito ou apenas não consegue perceber de forma positiva seu modo de ser e existir?

No quinto encontro os estudantes foram convidados a trazer um objeto com valor significativo na vida deles. Foi proposto que cada um contasse a história do seu objeto e o porquê da escolha do mesmo. Os participantes trouxeram muitas vivências familiares, especialmente os avós como uma referência de segurança e cuidado. Também apresentaram fotos de sua escolarização inicial, nas quais relataram que foram momentos em que eles eram felizes. O verbo utilizado no passado é preocupante, pois os estudantes têm se sentido infelizes, além de revelar já em tenra idade, o hábito de idealizar o passado. Quais as brechas que a família e a escola estão deixando para que os estudantes não se sintam felizes nesses espaços? O quanto a escola tem escutado

estes alunos a fim de que possam expor seus sentimentos?

Um aspecto importante a ser destacado é a fala de um dos estudantes de uma turma de B20, sendo a sua primeira participação no projeto. Destacamos que em um convite anterior, ao receber o bilhete com as informações do encontro, este mesmo estudante rasgou o papel e jogou no lixo. O que o convocou para que começasse a participar apenas no quinto encontro? A sua história de vida representada no Boneco Mário (Super Mário Bros). O estudante trouxe seu boneco Mário que representava os jogos de videogame os quais trazem alegria para ele. Enquanto relatava sua história, lágrimas corriam pelos seus olhos, demonstrando o quão significativo para sua vida é a experiência relatada. Além da alegria, o aluno destaca que através do videogame ele conseguiu fazer amizades, pois tinha conhecimento sobre as regras do jogo e conseguia trocar experiências com os outros colegas. O aluno relatou que tem dificuldades de se relacionar com as pessoas. O estudante destaca também a aprendizagem de valores como a colaboração, entendimento de regras e cooperação ao jogar videogame. Este aspecto foi impactante, pois muitas vezes temos o pré-julgamento de que o videogame exclui os sujeitos do convívio com as demais pessoas, além de associar este jogo ao vício em ficar conectado, o que necessariamente pode não ser a realidade, pois a perspectiva do aluno nos mostrou um outro ponto de vista sobre os jogos. O estudante compartilhou a seguinte mensagem com os colegas: “Nunca deixe de lutar pelo que você acredita!”, o que nos faz refletir sobre a importância destes espaços de escuta e fala no âmbito da escola.

O sexto e último encontro foi organizado pela facilitadora formada em arteterapia e danças circulares. A proposta foi desenvolvida através de três danças circulares e uma atividade com velas e copo com água até a borda, a fim de



Figura 3 - Lembrança do último encontro.
Fonte: Elaboração própria (2018)

que cada estudante pudesse confeccionar sua mandala. O objetivo da atividade foi desenvolver a concentração, o foco, acalmar a mente e lidar com o inesperado, com a surpresa. Também trabalha a reflexão através dos dois lados da mandala (interno e externo – luz e sombra), sendo um lado o que representa como nos mostramos para a sociedade e o outro aquele que muitas vezes escondemos (raivas, tristezas, medos, fragilidade).

Na proposta das mandalas foi possível perceber o envolvimento dos estudantes na atividade, a colaboração entre os membros do grupo ao passar o elemento fogo de uma vela para a outra, ou até mesmo no auxílio para retirar a mandala do copo. A percepção dos dois lados da mandala foi algo inesperado porque no externo da mandala um conjunto de cores e organização era perceptível e, ao virá-la, observando o seu interior foi possível perceber um novo arranjo de cores e formas. O medo de quebrar a mandala ao retirá-la do copo também foi percebido nos participantes, num paralelo de como é lidar com a frustração. Como lidar com o que planejamos e o que realmente acontece? Estes aspectos também foram desenvolvidos neste encontro.

Destacamos que a proposta da mandala não foi realizada com as turmas de B10 e B20,

em virtude da utilização do elemento fogo. Deste modo, estas turmas tiveram cinco encontros, sendo o último realizado pela coordenadora local do projeto com a proposta da pintura concreta ou abstrata e a utilização do elemento água apresentada anteriormente. Cabe destacar que o aluno do boneco “Mário” participou deste encontro.

Alguns apontamentos: das aprendizagens durante o processo



Figura 4 - Centro do Círculo e preparação para meditação.
Fonte: Elaboração própria (2018)

Ao desenvolver o projeto, percebemos que a abertura à escuta é muito mais importante nos Círculos de Construção de Paz do que a necessidade de, como professores, ofertar uma orientação para os estudantes. O próprio método dos Círculos nos mostra que não é um momento

de orientar os participantes, mas sim de ofertar a palavra aos sujeitos e a oportunidade de escutar uns aos outros. Um espaço que propicie a escuta e a fala dos estudantes é fundamental para que estes sujeitos em formação possam refletir a cerca de sua existência, dos seus sonhos, dos seus temores, das suas dúvidas, além de desenvolver maior autoconhecimento e desenvoltura para lidar com as próprias emoções. A metodologia dos Círculos de Construção de Paz é uma ferramenta primordial para que a formação integral do educando seja abarcada de fato!

Além dos aspectos mencionados, a proposta dos Círculos de Construção de Paz propicia o estreitamento de vínculo com os educandos. A participação do estudante do boneco “Mário” a partir do quinto encontro é um ponto que representa este aspecto. A parceria com outros docentes da escola e com a Universidade também foi um ponto importante no desenvolvimento do projeto, pois qualifica as reflexões e ações junto aos estudantes e amplia a rede de proteção dos mesmos.

Portanto, concluímos que os professores e as escolas necessitam abrir espaços de escuta e fala aos seus educandos a fim de que possam ter uma formação integral que os possibilite atuar de forma positiva nos contextos em que estão inseridos. Os Círculos de Construção de Paz constituem-se como uma ferramenta de fator de proteção no envolvimento em comportamentos de risco destes pré-adolescentes e adolescentes. ◀

REFERÊNCIAS

BOYES-WATSON, Carolyn; PRANIS, Kay. **No coração da esperança—guia de práticas circulares**. Tradução: Fátima De Bastiani. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2011.

FALLER, Elisa. **Comunicação não-violenta e processos circulares**: uma experiência escolar. Porto Alegre: UFRGS, 2018, 42 p. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

KALIL, Fernanda Rubbo. **Tem lugar pro diálogo na escola?** Do círculo vicioso aos Círculos de Construção de Paz. Porto Alegre: UFRGS, 2018, 49 p. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

PRANIS, K. **Processos circulares de construção de paz**. São Paulo: Palas Athena, 2010.